



**GÊNERO, CURRÍCULOS DE ANIMAÇÃO E A PRODUÇÃO DE
CONTRAONDUTAS**

**GÉNERO, CURRÍCULOS DE ANIMACIÓN Y LA PRODUCCIÓN DE
CONTRAONDUCTA**

**GENDER, ANIMATION CURRICULUMS AND THE PRODUCTION OF
COUNTERCONDUCT**



Ariane Gabriele Brasil Gois RABELO¹
e-mail: arigabriele2@gmail.com

Como referenciar este artigo:

RABELO, Ariane Gabriele Brasil Gois. Gênero, currículos de animação e a produção de contracondutas. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023009, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18173>



| Submetido em: 15/02/2023

| Revisões requeridas em: 22/04/2023

| Aprovado em: 11/06/2023

| Publicado em: 01/08/2023



ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação.

RESUMO: Este artigo tem como base os Estudos Culturais, as Teorias Pós-Críticas, os estudos Foucaultianos, de Currículo e de Gênero. Com isso em mente, objetivamos construir uma articulação entre o currículo presente no desenho animado “A Casa Coruja” e a produção de contracondutas relacionadas a gênero através das cenas analisadas. Buscamos por meio de um estado da arte localizar o que já havia sido produzido sobre gênero e desenhos animados e a partir do que foi encontrado, traçamos novas rotas que nos levaram a escolher para análise o desenho animado A Casa Coruja. Com o produto audiovisual definido, utilizamos da filmografia para escolher as cenas a serem analisadas, a partir de um diálogo com Judith Butler e outros autores. Concluimos que A Casa Coruja questiona as normas e insere sujeitos outros e modos diversos de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Animação. Contracondutas. Currículo. Estudos Culturais. Gênero.

RESUMEN: Este artículo está basado en los Estudios Culturales, las Teorías Poscríticas y los estudios Foucaultianos, Curriculares y de Género. En ese sentido, pretendemos construir una articulación entre el currículo presente en lo dibujo animado La Casa Búho y la producción de contraconductas de género a través de las escenas analizadas. Buscamos a través de un estado del arte, ubicar lo que ya se había producido sobre género y dibujos animados, a partir de lo encontrado, trazamos nuevas rutas que nos llevaron a elegir lo dibujo La Casa Búho para el análisis. Con el dibujo definido, utilizamos la filmografía de análisis para elegir las escenas a analizar, a partir de un diálogo con Judith Butler y otros autores, concluimos que La Casa Búho cuestiona las normas e inserta otros sujetos y formas diferentes de existir.

PALABRAS CLAVE: Animación. Contraconductas. Currículum. Estudios Culturales. Género.

ABSTRACT: This article is based on Cultural Studies, Post-Critical Theories, Foucauldian, Curriculum and Gender studies. With that in mind, we aim to build an articulation between the curriculum present in the cartoon The Owl House and the production of gender-related counterconducts through the analyzed scenes. We sought, through a state of the art, to locate what had already been produced about gender and cartoons and from what was found, we traced new routes that led us to choose The Owl House for analysis. With the cartoon defined, we used the filmography for analysis to choose the scenes to be analyzed, based on a dialogue with Judith Butler and other authors, we concluded that The Owl House questions the norms and inserts other subjects and different ways of existing.

KEYWORDS: Animation. Counterconducts. Curriculum. Cultural Studies. Gender.

Introdução

O presente trabalho se inspira nos Estudos Culturais e nas teorias pós-críticas do currículo, a partir do interesse em investigar as possibilidades que atravessam os desenhos animados e da compreensão de que o currículo é um artefato cultural que pode assumir diversas formas e pedagogias, estando presente em diversos locais para além da escola (PARAÍSO, 2010). Dito isso, Paraíso (2016, p. 408) aponta que nos currículos “a resistência é a criação de possíveis, pois, ela é força agenciadora que transforma e funda outras e novas relações”. Logo, compreendo as teorias pós-críticas do currículo como um berço para a resistência e seus possíveis, pois essas teorias procuram abranger as questões culturais, raciais, étnicas, de gênero e sexualidade e contam com narrativas que buscam inserir nos currículos colocações históricas e políticas envolvidas na concepção de identidades e diferenças ligadas às relações de poder. Portanto, por meio dos estudos culturais e das teorias pós-críticas, buscamos expandir a noção de currículo para além daquele presente na escola, pois, apesar de ser um dispositivo expressivo para o governo, a escola não é o único local que transmite formas de ser e conhecimentos.

A partir dos entendimentos de Hall (1992, 1997) e Kellner (2001, 2011) observamos as revoluções culturais e a explosão da cultura da mídia no século XX, em que a mídia e a tecnologia ocupam, agora, posições de dominação, visto que se tornaram os principais meios de comunicação e circulação das culturas e de diversos artefatos culturais. Dessa forma, observamos que a cultura da mídia nos atravessa a partir dos conteúdos divulgados nos meios de comunicação e que trazem consigo diversos discursos, muitas vezes auxiliando na construção de nossas identidades e do que é socialmente aceito, pois somos bombardeados diariamente por essa cultura e por tais discursos advindos dos meios de comunicação.

Ao pensarmos na mídia, observamos que “os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural” (KELLNER, 2001, p. 10). Estes são responsáveis por nos ensinar modos de ser e de subjetivação que refletem os valores e as crenças presentes na sociedade. Sendo assim, compreendemos que crianças e adolescentes aprendem sobre modos de ser mulher, homem, bom ou mau, moral ou imoral para além do território escolar devido às explosões de imagens e sons que se fazem presentes fora da escola.

Essa explosão da cultura da mídia contribuiu para a eclosão de novos objetos de pesquisas nos Estudos Culturais. Logo, artefatos culturais podem ser um objeto para análise, sendo assim, artefatos como o próprio currículo, desenhos animados, filmes, músicas,

programas de televisão, livros e outros mais podem ser escolhidos para análise a partir dos Estudos Culturais (PARAÍSO, 2004).

Diante disso, o que se entendia como currículo se modificou a partir dos debates sobre cultura e sociedade advindos dos Estudos Culturais, assim, compreendemos a cultura como uma produção das relações sociais, pois ela está no meio de relações de poder, o que significa a existência de uma cultura que é selecionada para ser a “cultura normal”, enquanto há outras que são deixadas de lado por não estarem relacionadas aos grupos que exercem o poder. Então, o currículo pode ser

visto como uma prática cultural, uma prática de produção e veiculação de significados; um espaço de representações dos grupos sociais e culturais [...] feito de culturas, de formas de compreender o mundo social, de produzir e atribuir-lhe sentido (PARAÍSO, 2004, p. 57).

Desse modo, compreendemos que outros artefatos podem produzir e veicular representações de certos comportamentos sociais, então, novelas, filmes, histórias em quadrinhos, desenhos animados, séries e outros podem acabar nos regulando ou subjetivando de alguma forma (RAEL, 2020). Em vista disso, entendemos que os desenhos animados são currículos de grande circulação, que carregam discursos diversos e legitimam verdades.

Cardoso (2016) afirma que as subjetividades vistas em desenhos animados conduzem as crianças a se reconhecerem com o modo de ser ali presente, pois, ao serem percorridas pelos discursos constituintes dessas subjetividades, o governo de condutas é estabelecido em torno do que é e do que não é considerado um comportamento de ser homem ou ser mulher. Portanto, a depender da demarcação imposta, algumas crianças e adolescentes irão abraçar tal discurso, enquanto outras se afastarão por não se enquadrarem com o que aquela conduta prega.

Ao compreendermos os desenhos como currículos, também os entendemos como constructos das normas de gênero. Sendo assim, compartilhamos do entendimento de gênero, tal qual Cardoso e Nascimento (2017, p. 251) como sendo

uma construção sócio-histórico-cultural, ou seja, para além de uma condição estabelecida biologicamente através do sexo masculino ou feminino. É constituído nas relações sociais quando características sexuais ganham significado e representatividade, transformando-se em elemento do processo histórico e podendo ser variante a depender da cultura do espaço onde está inserido cada sujeito.

Ao investigarmos os desenhos animados, podemos observar que eles possuem significações diversas. Pois, Giroux (1998, p. 50) observa que “as identidades individuais e coletivas das crianças e dos/as jovens são amplamente moldadas, política e pedagogicamente,

na cultura visual popular dos videogames, da televisão, do cinema [...]” e isso se torna visível quando observamos que há uma preocupação constante em controlar, vigiar e construir essas crianças e jovens, seja na escola, em suas formas de lazer, como se vestem e como interagem entre si, pois, “somos todos instados a permanecer no território do gênero para o qual fomos designados ao nascer” (LOURO, 2017, p. 77). Desde cedo, as normas regulatórias de gênero e sexo estão presentes em nossas vidas e são continuamente repetidas e reiteradas para forjar nossos corpos e incutir neles de forma compulsória a norma heterossexual, que é tida como normal (BUTLER, 2015).

Portanto, o sexo é tido como um “ideal regulatório”, pois, de acordo com Butler (2015, p. 153-154) ele

não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que ela controla.

A partir da compreensão do poder através de Foucault (2010), entende-se que ele não é algo que está centralizado em uma única pessoa ou grupo que o exerce sobre outros, mas que o poder é algo que se espalha e atravessa os mais diversos níveis sociais. Ainda de acordo com Foucault, o poder não é somente repressivo, mas também é produtivo, pois cria articulações entre saber e poder que atuam na produção de sujeitos diversos.

O poder também está presente no currículo e este é um ambiente de constantes disputas, em que se fazem presentes modos de ser, de se conduzir e se portar, pois nele são reproduzidos saberes e significados que nos torna o que somos. No campo do currículo o governo é compreendido como modos de conduzir a conduta de si e dos outros. Ainda de acordo com o pensamento de Foucault, onde existe poder há, também, resistência, e devido a isso ela nunca está exterior ao poder, assim, quando encontramos meios de nos expressar a ponto de rompermos com o comportamento de governado, nos recusamos a sermos conduzidos da mesma forma que os outros e essa “luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” foi o que Foucault (2008, p. 266) chamou de *contraconduta*.

A subjetividade é compreendida aqui como algo que é produzido “por diferentes discursos, pelas relações de poder e pelas relações que o sujeito estabelece consigo mesmo e com os outros” (SILVA; PARAÍSO, 2012, p. 4). Ainda de acordo com Paraíso (2006, p. 101) as estratégias e práticas que levam os indivíduos a “se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” são entendidas como *modos de subjetivação* e, nesse processo, se estabelece o governo dos sujeitos por meio de técnicas sutis.

De Melo (2020) compreende que é por meio dessas técnicas que as condutas são moldadas e se estabelecem nos padrões da norma. Por conseguinte, existem desenhos animados que reiteram as normas dominantes da sociedade por meio de suas condutas. No entanto, há também os que fogem dessas normas e propagam a diversidade por meio da quebra de padrões, pois, lutam para ter formas outras de serem conduzidos e seguir por percursos que os levem a novos caminhos e invenções.

Para Ellsworth (2001), todo produto midiático possui questões de endereçamento ligadas a ele e com os desenhos animados não é diferente. Dito isso, é necessário que se compreenda como o modo de endereçamento funciona, e segundo a autora, basta apenas nos perguntarmos: quem esse desenho animado pensa que você é? Neste exercício reflexivo, é possível analisar como tais currículos percebem a diversidade, desejam gêneros específicos e produzem subjetivações de certos tipos. Pois, assim como outros produtos midiáticos, os desenhos também são feitos para alguém e com alguma intenção. Eles “nos interpelam para que assumamos nosso lugar na tela, para que nos identifiquemos com algumas posições e dispenseemos outras” (FABRIS, 2008, p. 118).

Para Silva (2008), quando entendemos que a subjetividade é construída a partir de relações sociais diversas, conseguimos interrogar e observar como crianças e adolescentes vêm sendo lapidados. Nesse contexto, é interessante analisar os desenhos animados para saber quais discursos sobre gênero estão presentes neles? Quais os sujeitos e identidades estão sendo formados, representados e produzidos por eles? A quem se endereça tais desenhos? Precisamos entender que tais produtos midiáticos não são apenas entretenimento lúdico, mas também são campo de circulação de diversas representações, muitas vezes não questionadas, pois estes processos educativos que ocorrem a partir dos desenhos possuem “estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas” (MEYER, 2020, p. 19). Considerando tais questionamentos, propomos como principal objetivo norteador: Analisar o desenho animado como currículo produtor de contracondutas e modos outros de ser a partir da perspectiva do gênero.

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa que utiliza dos Estudos Culturais e da liberdade das metodologias pós-críticas para expandir os desenhos animados endereçados ao público infanto-juvenil, a fim de investigar os currículos que eles possam exteriorizar. Inspirada por Paraíso (2014), lançamo-nos na metodologia pós-crítica por esta ser mais livre e permitir uma flexibilidade que outras metodologias não permitiriam, já que as pesquisas são movidas por nossos questionamentos, indagações e pelos problemas que formulamos no decorrer dos caminhos percorridos em busca por respostas. Todavia, é importante lembrar que nas metodologias pós-críticas, apesar de estarmos sempre criando a nossa própria metodologia, podemos utilizar procedimentos e práticas investigativas já conhecidos, mas é importante salientar que não devemos ficar presos a essas práticas.

A metodologia da pesquisa divide-se em duas partes, sendo a primeira um estado da arte, pois, de acordo com Romanowski e Ens (2006), esse tipo de levantamento traz contribuições importantes e sistematiza o que já foi produzido numa determinada área de pesquisa. Servindo assim ao nosso propósito de localizar o que já foi feito e analisado na área dos estudos de gênero a respeito de desenhos animados. Tal busca foi realizada com o intuito de excluir da etapa de análise os materiais já utilizados por outros autores, visto que, ao trabalhar com contracondutas, pensamos ser interessante trazer desenhos animados que ainda não foram analisados para serem discutidos no decorrer da pesquisa.

As buscas foram realizadas nas seguintes plataformas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Google Scholar, Portal de Periódicos da CAPES e Scientific Electronic Library Online e ao final das buscas encontramos um total de 14.362 textos, mas, devido aos descritores e os critérios de inclusão, apenas 56 desses trabalhos foram selecionados. Os resultados dessas buscas podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 1 – Resultados das buscas nas plataformas

Plataformas Utilizadas	Textos Encontrados	Leitura de Resumos	Leitura Aprofundada	Excluídos	Selecionados
BDTD	248	248	12	233	10
Google Scholar	13660	310	95	13620	40
Periódicos Capes	446	446	5	441	5
SciELO	8	8	2	7	1
Total	14362	1012	114	14306	56

Fonte: Elaborada pela autora

O alto número de textos iniciais se deve ao fato de que mesmo selecionando Relações de Gênero como palavra-chave nos buscadores, muitos dos trabalhos encontrados se referiam ao gênero de animação ou então a outros gêneros literários.

Para chegarmos aos resultados, utilizamos como descritores os seguintes pares: Relações de Gênero e Animações; Relações de Gênero e Desenhos Animados e, por fim, Relações de Gênero e Filmes. Como critérios de inclusão, utilizamos: título, resumo ou palavra-chave que tivessem relação com o tema de relações de gênero e desenhos animados, ou currículos. Além disso, os textos deveriam ter sido publicados num intervalo de 15 anos e estes deveriam ter livre acesso. E, como critério de exclusão, utilizamos: publicações duplicadas, ou que não tratavam de relações de gênero, ou então que não seguiam os critérios de inclusão.

Com a busca finalizada demos início às análises propriamente ditas e os 56 textos foram divididos em três categorias. Com base nos descritores que foram utilizados em suas buscas, ao final das análises, observamos que, dos 56 trabalhos, apenas dois se pareciam em algo com esta pesquisa que está em desenvolvimento. Sendo o primeiro a dissertação intitulada de “A Infância nos filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis” defendida em 2008 por Maria Carolina da Silva, em que a autora pensa os filmes de animação como currículos e através das suas análises dos filmes *Toy Story* (1995), *Monstros S.A* (2001), *Procurando Nemo* (2003) e *Os Incríveis* (2004), questiona quais os tipos de sujeitos estão sendo formados por estes currículos, bem como quais as subjetividades presentes nesses filmes, além de pensar como a infância é colocada nesses artefatos culturais e como os infantis vêm sendo produzidos nos mesmos moldes.

O outro trabalho encontrado é o artigo de 2016 intitulado de “Relações de Gênero, ciência e tecnologia no currículo de filmes de animação”, com autoria de Livia de Rezende Cardoso, em que a autora procurou analisar as relações de gênero presentes nos filmes “Tá Chovendo Hambúrguer” (I e II) através do discurso científico-tecnológico e pôde observar a produção de diferentes posições de sujeitos homens e mulheres na ciência. Acreditamos ser válido dizer que ambos os trabalhos foram utilizados como referência e inspiração para o tema e desenvolvimento dessa pesquisa.

Com os trabalhos escolhidos e analisados, selecionamos o desenho animado “A Casa Coruja” (*The Owl House*) produzido em 2020 pela *Disney*. Abaixo está o pôster promocional do desenho, em que podemos ver os três personagens principais: Luz, a humana, Eda, a mulher coruja e King, o demônio.

Figura 1 – Pôster Promocional – A Casa Coruja



Fonte: Reprodução/Disney

A Filmografia para Análise é uma metodologia desenvolvida por Fabris (2008) que consiste no processo de selecionar o material de análise a partir da problematização da pesquisa, portanto um requisito para a seleção do desenho foi ele promover contracondutas e não ter aparecido no levantamento feito anteriormente através do estado da arte. Em seguida, se assiste o material diversas vezes com intuito de criar fichas para posterior seleção de trechos que serão aproveitados para as análises. Utilizou-se, também, o que Fischer (2002) discute acerca do “dispositivo pedagógico da mídia”, um conceito criado a partir dos conceitos de Foucault de “dispositivo de sexualidade” e “modos de subjetivação”, permitindo-nos pensar sobre o modo que a mídia opera na produção dos sujeitos e subjetividades a partir das imagens, significados e sons presentes nos desenhos animados.

Compartilhamos também da ideia de Fabris (2008) de que os desenhos animados e outros produtos midiáticos devem ser vistos para além do entretenimento e material pedagógico, uma vez que são sistemas de significação e, enquanto nos divertem, desenvolvem pedagogias e nos ensinam modos de vida. A investigação que faz o uso de desenhos animados como material empírico é capaz de progredir de diversas formas, pois, a análise é feita com base nos discursos, marcas e significados produzidos por eles.

Ainda de acordo com Fischer (2002), o dispositivo pedagógico da mídia é discursivo e não discursivo de forma paralela, pois, da mesma forma que ele produz discursos e saberes, ele também é uma teia de práticas de produção, veiculação e consumo de televisão aberta, cinema e serviços de *streaming* que se encaminham para o discurso do eu, e que visam a produção de

saberes sobre o sujeito e modos de ser presentes naquela sociedade. Desse modo, analisamos o desenho animado, *A Casa Coruja* (2020), como um currículo atravessado por discursos, que demandam múltiplas subjetividades de gênero, que contestam as normas e que endereçam formas outras de se constituir como sujeitos.

Desenvolvimento

Buscando apresentar e contextualizar melhor *A Casa Coruja* (2020), pensamos em introduzir resumidamente de que se trata o desenho animado e alguns fatos pertinentes por trás da sua criação. *A Casa Coruja* foi um desenho estadunidense produzido pela *Disney* entre os anos de 2020 e 2022 e possuía faixa etária de 10 anos ou mais. Ele foi criado e dirigido por Dana Terrace, uma mulher bissexual de 33 anos e a quarta mulher a produzir uma série animada para a empresa. Em *A Casa Coruja* (2020), somos convidados a acompanhar as aventuras de Luz Noceda, a humana que acaba por atravessar um portal e vai parar nas Ilhas Escaldadas, uma terra de fantasia habitada por bruxas e demônios. O desenho conta com vários personagens LGBTQIA+, incluindo a personagem principal, Luz Noceda, que é a primeira protagonista bissexual presente em um desenho animado da *Disney*. E, também, ganhou em 2020 o prêmio *Peabody – Histórias que Importam*, por ser responsável pela criação de um mundo imaginário que se transformou num espaço que acolhe e abraça crianças *queer*.

A seguir, trazemos alguns vislumbres de pensamentos que surgiram com o desenho e o que pôde ser entendido a partir deles. No primeiro episódio, intitulado “Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião” somos apresentados à Luz Noceda, uma adolescente humana, a bruxa Eda e seu demônio King e às Ilhas Escaldadas, uma dimensão mágica. A partir de algumas situações que acontecem com Luz no decorrer do episódio, buscamos um diálogo inicial com a autora Judith Butler.

Luz Noceda acaba indo parar nas Ilhas Escaldadas por ser uma adolescente tida como esquisita e por ser uma aluna que causava incômodo aos outros alunos da escola que frequentava no mundo humano. Logo, Luz era uma aluna que se afastava da norma desejada pela escola, e sua mãe foi chamada devido aos investimentos da escola para produzir um corpo escolarizado e disciplinado não estarem funcionando da forma desejada (LOURO, 2015). Devido a isso, a mãe de Luz decide mandá-la para passar as férias de verão no Acampamento Pense Dentro da Caixa, um acampamento em que os adolescentes aprendem literalmente a pensar dentro da caixa e em coisas tidas como normais pela sociedade.

Há uma cena em que sua mãe está indo trabalhar e Luz espera o ônibus para o acampamento e é nesse pequeno intervalo de tempo que seu livro de fantasia favorito é roubado por uma coruja e ela a segue para uma casa abandonada e é devido a isso que Luz acaba indo parar nas Ilhas Escaldadas. Chegando nas Ilhas, Luz conhece Eda e King e decide que irá ajudá-los a recuperar um artefato poderoso de King, que foi apreendido pelos guardas e está preso dentro do Conformatório. Um ponto interessante é que o nome Conformatório vem do verbo conformar, que segundo o Dicionário Online de Português (CONFORMAR, 2023), significa: se acomodar, submeter-se às circunstâncias ou a alguma coisa. A seguir, podemos ver uma imagem da fachada do Conformatório.

É através das cenas que ocorrem no Conformatório, descrito pela personagem Eda como “um lugar para aqueles que são incorretos para a sociedade”, ou seja, existe nesse mundo mágico uma prisão para os seres que aos olhos da sociedade não são corretos e estão fora das normas, e que por isso devem ser presos para servir de exemplo e serem conformados através de formas de tortura.

Figura 2 – O Conformatório



Fonte: Reprodução/Disney+

Após se infiltrarem no Conformatório, Luz e King encontram alguns prisioneiros, sendo que estes simplesmente foram presos por fazerem coisas diferentes. A exemplo da menina que gostava de escrever *fanfics* sobre comidas apaixonadas umas pelas outras, um demônio que gostava de comer seus olhos e o pequeno monstro conspiracionista que esbraveja teorias da conspiração por onde passa. Ao escutar os motivos pelos quais os prisioneiros foram presos, Luz percebe que eles foram presos simplesmente por serem diferentes, assim como ela, e por isso decide que irá soltá-los.

Em uma das cenas, pode-se observar o Guardião do Mal falando sobre a tortura ser uma lição para esses prisioneiros tidos como esquisitos e excluídos, pois, não há lugar para que eles

se encaixem nas normas vigentes da sociedade, a menos que seja como forma de regulação do que é tido como diferente, abjeto, que deve ser punido, excluído e utilizado como forma de reiterar o sujeito normal da sociedade das Ilhas Escaldadas.

Figura 3 – Montagem com falas do personagem Guardiã do Mal



Fonte: Elaborada pela autora

A partir do entendimento de Butler (2015, p. 154) de que “os corpos não se conformam, nunca, completamente às normas”, pois, as normas necessitam constantemente de citações e reconhecimentos para que sejam exercidas e devido a isso percebemos seu caráter performativo, pensamos no Conformatório como peça chave para a materialização dos corpos dentro da norma dominante desse mundo, pois, este possui o poder de reiterar o discurso tido como normal a partir de regulações e constrangimentos impostos aos prisioneiros. É aqui que percebemos que o Conformatório pode ser compreendido como a matriz excludente da formação dos sujeitos, visto que, é responsável pela produção dos seres abjetos que não são sujeitos, mas sim algo externo que constitui o sujeito (BUTLER, 2015). Logo, de acordo com Butler (2015, p. 155) os prisioneiros são considerados seres abjetos que habitam as “zonas inóspitas e inabitáveis da vida social [...] cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.

Prisioneiros, estes, que estão lá para servirem de exemplo do que não se deve ser, sendo considerados seres abjetos, pois é preciso levarmos em consideração que para o sujeito tido como normal existir, se faz necessária a exclusão de seres outros, já que, “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção” (BUTLER, 2015, p. 155).

Após seu encontro com os prisioneiros, Luz se encontra com Eda e pergunta o motivo de todos estarem presos apenas por serem eles mesmos e se questiona por que é tão ruim ser esquisito e diferente. Cenas depois, há uma luta em que Eda ganha e foge junto com a Luz e o King, mas, antes disso, ela ajuda Luz a libertar os “esquisitos” que estavam presos. Após libertar todo mundo, Eda pede para Luz voltar para o mundo humano por conta dos perigos das Ilhas Escaldadas, mas ela a desobedece ao ver que os prisioneiros que ajudou a liberar ainda estão dentro do Conformatório.

Quando questionados por Luz do motivo de não terem ido embora, eles se mostram conformados com a situação e respondem que é por não se enquadrarem na sociedade e por isso seriam pegos novamente, então de nada adiantaria fugir. Ao ouvir isso, Luz decide motivá-los a se rebelar e a serem livres, pois ser esquisito não é justificativa para ser preso, na verdade é a estranheza que nos torna as pessoas únicas e incríveis que somos.

Figura 4 – Montagem com falas da personagem Luz Noceda



Fonte: Elaborada pela autora

Luz não se conforma com a situação que é imposta a ela e aos outros prisioneiros e decide criar uma rebelião dentro do Conformatório, já que, segundo ela ninguém deveria estar preso por ser diferente, que está tudo bem em ser estranho e que os esquisitoes devem ficar juntos, e por conta disso eles colocam-se contra o que é tido como normal e lutam para se desvincular dos meios de conduzir impostos pela sociedade das Ilhas Escaldadas. Com a rebelião dos prisioneiros e a vitória sobre os guardas do Conformatório, observamos que a

personagem Luz e os prisioneiros podem representar uma “diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2016, p. 39).

Conclusão

Visando trabalhar os desenhos animados como um currículo que trate de gênero e da produção de contracondutas, buscamos fazer dele um lugar para afirmar a vida e as diferenças de modo que se expanda e abrigue as vidas consideradas “vivíveis” e as “precárias” e, por fim, ser território de escape (BUTLER, 2013; PARAÍSO; CALDEIRA, 2018). Devido à carga educacional presente nos desenhos animados, compartilhamos do pensamento de Fischer (1997) de que é importante analisar a presença da mídia no nosso cotidiano por conta da produção e reprodução de crenças e preconceitos, que circulam na sociedade através das mídias, muitas vezes atuando como dispositivos pedagógicos, pois, “a mídia constrói, reforça e multiplica enunciados propriamente seus, em sintonia ou não com outros discursos e instâncias de poder” (FISCHER, 1997, p. 65), dando sua contribuição para a criação de novas realidades e servindo como meio de ensino sobre elas.

Ao olhar para o desenho animado, percebe-se que as falas dos personagens questionam as normas vigentes da sociedade da Ilha Escaldada. E que, apesar de não falar diretamente sobre gênero, as cenas do primeiro episódio podem ser pensadas para tal, pelas críticas às normas vigentes dos demônios. Visto que, ao pensarmos no Conformatório como excludente e em seus prisioneiros como seres abjetos, pode-se fazer uma ligação com a forma com que o gênero é construído, pois, segundo Butler (2015, p. 161): “a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais [...]”.

Com isso em mente, observamos que *A Casa Coruja* é um desenho que possui uma diversidade de personagens e representações e que, ao invés de excluir sujeitos, busca a inserção de sujeitos outros, que antes não teriam espaços em desenhos animados, criando um espaço para crianças e adolescentes diferentes e esquisitos (utilizamos a palavra esquisitos, devido à uma das frases da personagem Luz ser: “Os esquisitos devem ficar juntos”) serem representados. Dito isso, *A Casa Coruja* compreende, assim, um currículo, já que ensina na e através da mídia possibilidades para que ocorra a diversificação dos discursos sobre gênero e sexualidade, gerando visibilidade para formas de ser, amar e viver diversas (LOURO, 2008).

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. Uma analítica do poder – Conversa com Judith Butler. Entrevista concedida a Claire Pagès e Mathieu Trachman. **Investigação Filosófica**, Macapá, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica/issue/view/163>. Acesso em: 21 maio. 2022.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CARDOSO, L. R. Relações de gênero, ciência e tecnologia no currículo de filmes de animação. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 463-484, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44595>. Acesso em: 23 maio 2022.
- CARDOSO, L. R.; NASCIMENTO, D. L. Você brinca de boneca, mas é menino: sujeitos, gêneros e sexualidades em brincadeiras infantis. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 250-262, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/23571>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- CONFORMAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conformar/>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- DE MELO, R. V. O. **SINGULAR AO PLURAL**: as relações de gênero nos livros didáticos de língua portuguesa aprovados no pnld 2019. Orientadora: Livia de Rezende Cardoso. 2020. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.
- ELLSWORTH, E. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, p. 117-134, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6690>. Acesso em: 20 out. 2022.
- FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 59-79, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 20 out. 2022.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882>. Acesso em: 21 out. 2022.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (org.). **Territórios contestados** – Currículo e os novos mapas políticos e culturais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HALL, S. **Culture, Media, Language**. London: Routledge, 1992.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 21 out. 2022.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia** – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma Pedagogia Pós-Moderna. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de Aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, G. L. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, p. 81-98, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6688>. Acesso em: 28 maio 2022.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L. **Flor de açafrão**: takes, cuts, close-ups. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MEYER, D. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PARAÍSO, M. A. Contribuições dos Estudos Culturais para a Educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, 2004. Disponível em: <https://sapiencia.digital/portfolio/pp-55/>. Acesso em: 21 out. 2022.

PARAÍSO, M. A. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 91-115, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/yDnwt33sFwx4rs7gW5fngsr/?lang=pt#>. Acesso em: 22 out. 2022.

PARAÍSO, M. A. Raciocínios generificados no currículo escolar e possibilidades de aprender. *In*: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 5.;

COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 9., 2010, Portugal. **Anais [...]**. Porto, Portugal, 2010.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 25-47.

PARAÍSO, M. A. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, 2016. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/art_v16_n3.htm. Acesso em: 23 out. 2022.

PARAÍSO, M.; CALDEIRA, M. C. Apresentação. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. *In*: PARAÍSO, M.; CALDEIRA, M. C. (org.). **Pesquisas sobre currículos, gênero e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

RAEL, C. C. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 21 out. 2022.

SILVA, M. C. **A infância no currículo de filmes de animação**: poder, governo e subjetivação dos/as infantis. Orientadora: MarLucy Alves Paraíso. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-7KNJPD>. Acesso em: 15 set. 2022.

SILVA, M. C.; PARAÍSO, M. A. A infância no currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/issue/view/625>. Acesso em: 17 maio 2021.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: Agradeço aos meus amigos, em especial Matheus Reis Dantas meu amigo e apoio durante o mestrado. À minha orientadora Livia de Rezende Cardoso. Agradeço também à CAPES pela oportunidade de ser bolsista e à Universidade Federal de Sergipe que me acolhe a quase 7 anos, e ao PPGED e seus professores por tantos ensinamentos no decorrer desses 2 anos de mestrado. No mais, gratidão à todas as pessoas que colaboraram.

Financiamento: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não se aplica

Disponibilidade de dados e material: A animação A Casa Coruja (*The Owl House*) pode ser encontrada na internet.

Contribuições dos autores: Coleta de dados, análise e interpretação dos mesmos, bem como a redação e revisão do texto.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

